



LEONARDO MACHADO/TOKA/LUSA

Salários continuam a subir, mas evolução não compensa a subida dos preços.

# Perda média de poder de compra está em 2,5%

**INE** A subida da média salarial abrandou no primeiro trimestre deste ano e ficou longe de anular a inflação registada.

TEXTO MARIA CAETANO

O ritmo de subida da média salarial nacional abrandou no primeiro trimestre, face à inflação, os valores apurados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) representam já perdas reais nas remunerações atendendo à evolução da inflação.

Nos dados divulgados ontem, o salário médio nacional habitual, que exclui subsídios de férias de Natal, atingiu no primeiro trimestre deste ano 1 127 euros. É uma subida de 1,7% face ao mesmo período 2021, mas uma perda real de 2,5% face à inflação registada, nos cálculos do INE.

Em dezembro, esta média salarial subia 2,3%, para 1 103 euros brutos, com o crescimento de 1,7% apurado agora a representar um abrandamento na evolução das remunerações.

A informação do INE, que tem por base as declarações de remunerações de 4,3 milhões de trabalhadores na Segurança Social e na Caixa Geral de Aposentações, também inclui a evolução registada nas remunerações base e nas remunerações totais, que já incluem subsídios sazonais.

O valor médio do salário base ficou no primeiro trimestre em 1 058 euros brutos, subindo 1,6%. Regista-se também um abrandamento face aos 2,2% de crescimento

de dezembro e, mais uma vez, uma perda real de 2,5%.

Já a média desalário total ficou no início deste ano nos 1 258 euros, crescendo 2,2% (igual em dezembro). Descontando a inflação, porém, nesta subida há uma perda de poder de compra de 2%.

Os dados do INE mostram, entretanto, que os setores de atividade económica, uma evolução negativa em termos nominais na média salarial dos trabalhadores do transporte, armazém, com um recuo de 1,1% no salário médio habitual para 1 286 euros.

Registam-se também crescimentos abaixo da média em atividades como banca e seguros (0,5%), atividades administrativas e serviços de apoio (0,8%), or-

ganismos internacionais (0,8%), nas atividades da eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio (1%), educação (1,2%), outros serviços (1,3%), saúde humana e apoio social (1,3%) e atividades relacionadas com a administração pública (1,6%).

Estas serão, por conseguinte, as atividades com perda mais acentuada no poder de compra para os trabalhadores, embora o INE não estimava a evolução real das médias salariais nestes casos.

Já entre as maiores subidas homólogas na média salarial habitual encontra-se agricultura (5,7%), consultorias e atividades científicas e técnicas (4,9%), imobiliário (4,5%), atividades de informação e comunicação (4,4%) e construção (4,3%), seguidas de águas e saneamento (3,4%), indústrias extractivas (3,1%), indústrias transformadoras (2,6%), comércio (2,5%) e alojamento e restauração (2,3%).

Os dados de ontem mostraram também uma evolução muito mais lenta das médias salariais entre trabalhadores da função pública, cujo salário médio habitual cresce menos 1% no primeiro trimestre, atingindo 1 586 euros brutos. Já no setor privado, a média salarial sobe 2,4%, para 1 031 euros brutos.

Há disparidade na evolução de salários no setor público, com um crescimento nominal de 1%, e no setor privado, onde a subida é de 2,4%.

[maria.caetano@dinheirovivo.pt](mailto:maria.caetano@dinheirovivo.pt)